
* Res. *
* P.o. hisp *
* 1024 *
* 5 *

(465)

CHALAÇA DE NAPOLEÃO



1808

Res. P.o. hisp. 10245

152/1114



N.º 6

CHALÇA DE NAPOLEÃO,

O U

(465)

PROTEÇÃO UNIVERSAL.

OFFERECIDA

AOS APAIXONADOS DOS FRANCEZES.

P O R

A. P.

LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA.

ANNO M. DCCC. VIII.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

*Vê Leitor, o grande mal,
Causado pela ambição
Desse vil Napoleão,
No Reino de Portugal.*

F 8 1851 40-109

I.

Vestida côr de Morêa
 Trombuda sem badalar,
 Trabalhando em branca meia
 A pexeira no lugar,
 Sem no taleigo ter troco,
 Nem compradores freguezes,
 Por causa dos vís Francezes.

II.

A sócia dobando linha
 Sobre a cêlha descانçando,
 A farça da carochinha
 A' ruça velha contando,
 Entretendo o genio louco,
 Feita dama d'entremezes;
 Por causa dos vís Francezes.

III.

Rascôa de genio escaço
 A comer frita sardinha,
 Que no sordido regaço
 Preza no duro pão tinha,
 Com o pimpão do Sámoco,
 Sem ir á taberna á mézes;
 Por causa dos vís Francezes.

IV.

A regateira vilôa,
 Bemcomo espargo no monte,
 Tasquinhando dura brôa,
 Sorvendo immenso simonte;
 Passando por vender pouco
 Triste vida á tantos mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

V.

Velha fiando na róca
 A tossir em demasia,
 Com abrimentos de boça
 A' horas do meio dia,
 Cahindo por comer pouco
 Com desmaios muitas vezes,
 Por causa dos vis Francezes.

VI.

A viuva desfarçada
 Comer no mal cosinhado
 Aranques de tegelada,
 Duro polvo encortiçado,
 Frito belisco de xoco,
 Rejeitado dos freguezes;
 Por causa dos vis Francezes.

VII.

A famosa engomadeira
 Por perder a freguezia,
 Posta na ladra da feira
 A vender canquelharia,
 De que tira lucro pouco,
 Ou nenhum as mais das vezes;
 Por causa dos vís Francezes.

VIII.

A melindrosa donzela,
 Que vivia clausurada,
 De fatos velhos adella
 Por cruel fome obrigada;
 A sofrer do povo louco
 Pezadas chufas mil vezes;
 Por causa dos vís Francezes.

IX.

Madama sem ter braceiro
 Passear com liberdade
 Na praça, campo, e terreiro,
 Sem temer da mocidade
 Atrevido excesso louco,
 Exposta a tristes revezes;
 Por causa dos vís Francezes.

b

X.

Das modas a inventora,
 Que tanto amava o retrato,
 Com raiva mordelo agora
 Por perder tão bom contrato,
 Dando-lhe soco, e mais soco
 No dia immensas vezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XI.

Freira moça, quem diria!
 Desprezar o palanfrorio
 Da roda, e da portaria;
 Na grade, e no locutorio
 Não receber nem dar troco,
 Sem mezada á tantos mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XII.

Amor pelo solitario
 Barbado como Hermitão,
 Espantado, extulto, e vario
 Sem carcaz, e sem farpão;
 Dando gritos como louco,
 Sem cessar ha nove mezes;
 Por causa dos vis Francezes.



XIII.

D'amor a doce ternura
Mais saborosa q' o mel,
Tão agradavel doçura
Tornar-se asqueroso fel;
Que resposta tem por troco?
Transtornou-se tudo á mezes;
Por causa dos vís Francezes.

XIV.

Deitado a contar dinheiro,
Que na venda tinha feito
Embriago cabaseiro,
Ganhado a torto, e direito:
D'afflito, cançado, e rouco,
O sangue tem feito em fezes,
Por causa dos vís Francezes.

XV.

Galego, que faz de sebe,
Do peixe carreta sendo,
Carta que da terra teve
A seus camaradas lendo;
Sêzudo, com prazer pouco,
Sem pechinxa á tantos mezes,
Por causa dos vís Francezes.

XVI.

Malsim posto na taberna
 A' pechinxa dos cahidos,
 Nos tres setes fazer perna
 Com cuidadosos sentidos,
 Rosnando por beber pouco,
 Sem criminosos freguezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XVII.

Com decorado bacante,
 Pechinxeiro trapalhão;
 Do balsamico expumante
 Famoso guardaportão,
 Sem ter petisco de xoco
 Para adquirir freguezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XVIII.

Com esbirro fazer liga
 O petimetre famoso,
 Abandonar a fadiga
 D'emprego tão melindroso,
 Por tão desprezado troco;
 Expôsto a crueis revezes,
 Por causa dos vís Francezes.

XIX.

Pimpão perder a chibança ;
 Ser cobarde no terreiro ;
 Por ter falta de lambança
 Está qual manso cordeiro ,
 Calado sem tornar troco
 A' chalaça de maltezes ,
 Por causa dos vís Francezes.

XX.

Grazinador com mordança
 Feito pai da paciência ,
 Sem resistir á chalaça
 Da cruel impertinencia ,
 Que lhe faz o genio louco
 No dia immensas vezes ;
 Por causa dos vís Francezes.

XXI.

Sapateiro com vã gloria
 Sem pulpito orador sendo ,
 De Carlos Magno a Historia ,
 Sentado em trepeça lendo ;
 Porque tem cabedal pouco
 Deprecando a montanhezes ;
 Por causa dos vís Francezes.

XXII.

Cordoeiro andar ao brejo,
 De fiar perder a lida,
 Deixar de ser caranguejo
 Por ser galgo na corrida,
 Cruel troca, cambio louco
 O pôz na miseria á mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXIII.

Alfaiate posto ao Sol
 No frio mez do Natal,
 Com casa de caracol
 Sem agulha, nem dedal,
 A roer duro canoco
 Sem conduto á nove mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXIV.

Algibeteiro pansudo
 Porque nem fundilhos corta,
 Exesperado, e trombudo;
 O que faz de cão da porta
 Ladrar nem muito, nem pouco,
 Feito estatua á tantos mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXV.

Fabricante a lêr Gazetas,
 Papagaio fallador,
 Feito almocreve de pêtas,
 De mentiras corretor,
 Cerçado do povo louco
 Sem ter que fazer á mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XXVI.

Estalajadeiro á porta
 Como besta prézo á redea,
 Papel de figura morta
 Representando em tragedia,
 Solitario, dorminhoco
 Sem passageiros freguezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XXVII.

Caixeiro de bôtiqum
 A' porta dando cháfaça,
 Arranchando com malsim,
 Entendendo com quem passa,
 A gaveta sem ter troco,
 Nem compradores freguezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XXVIII.

Encostado no balcão
 Triste por não ter carço,
 Da miseria do patrão
 Murmurando com o moço,
 Vender nem muito, nem pouco,
 Assim passa á nove mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXIX.

Na tenda de boa fama
 Pelo muito que vendia,
 Do balcão fazendo cama
 O caixeiro estar de dia,
 Feito velho dorminhoco
 Com expasmo á tantos mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXX.

O peralta fanfarrão
 Com diáfano capote,
 Hontem grande figurão,
 Hoje biltre franchinote,
 Fazendo papel de louco
 Na classe dos gaiandezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXXI.

Taful na casa de pasto
 Pedindo com baixa voz,
 Pondo taixa ao que faz gasto,
 Sopa, vaca, sem arrôz,
 Frutas nada, vinho pouco,
 Dando ais immensas vezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXXII.

Brioso em tafularias,
 E nas lojas de bebidas,
 Rediculas demasias
 Acceitar ás escondidas,
 Para tudo tendo troco,
 Arranchando com maltezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXXIII.

De semana o jornaleiro
 Passeando pela praça,
 Mal comido, sem dinheiro,
 Da taberna na chalaça,
 A' mira se corre o coco,
 Dias, semanas, e mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XXXIV.

Pelas escadas o Jove
 Sem ter crime a homisiado
 Roendo o tallo da cove;
 Calvo annoso, e desdentado
 Remoendo o duro xoco,
 Assim vive á tantos mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XXXV.

Com transparente fatia
 Sem tenção de jejuar,
 Tomar cha ao meio dia,
 Que passa por bom jantar,
 Cear nem muito, nem pouco,
 Muita gente á tantos mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XXXVI.

Sem arranchar na função,
 Rico na casa de pasto,
 Dando por satisfação,
 Que não póde fazer gasto,
 Porque tem cabedal pouco
 Passa mal as mais das vezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XXXVII.

Prodigo ser migalheiro ;
 Gastar com economia ,
 Jantar sem ter companheiro
 Antes de dar meio dia ,
 Por não ter a quem dar troço
 Assim passa á tantos mezes ;
 Por causa dos vis Francezes.

XXXVIII.

O fanfarrão impostor
 Cagado em concha escondido ;
 Perder a gloria d'impôr,
 Da casa ao canto mettido ,
 A roer duro canoco
 Sem conduto muitas vezes ;
 Por causa dos vis Francezes.

XXXIX.

Liberal, que não quartava
 O desejado appetite,
 Que sempre ter blazonava
 Abundancia sem limite ;
 Janta sem azeite bróco,
 Cear muito poucas vezes ;
 Por causa dos vis Francezes.

XL.

Aquelle, que a indigencia
 Promptamente soccorria,
 Que jámais da providencia
 Hum instante s'esquecia,
 A' pobreza não dá troco,
 Nem a favorece á mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XLI.

O que teve honrado emprêgo,
 Sentado á meza da tasca;
 Come com porco galego
 Com defastio, sem áscã,
 Pão de rala, duro xoco,
 Atum salgado de mezes;
 Por causa dos vís Francezes

XLII.

O carola impertinente,
 Deixar o santo exercicio
 De pedir para o doente;
 Escusa-se ao beneficio
 Por ter rendimento pouco;
 Sem tirar esmola á mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XLIII.

Do rico sendo a eschola
 A pé visitar ninguem,
 Vai agora em fraca sóla
 A Chelas, e Sacavem,
 Apressado sem dar troco,
 No dia duas, tres vezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XLIV.

Avaro destribuindo
 O guardado metal louro,
 A burra, fechando, e abrindo
 Mais enraivado que Mouro,
 Transtornado, afflito, e louco,
 Mordendo-se immensas vezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XLV.

Velhice em expásmo posta,
 Mocidade em confusão,
 Sendo o silencio resposta
 D'acerba consternação,
 Sofrer, calar, sem dar troco
 Assim está á tantos mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

XLVI.

Grita o velho, pobre, e moço
 A cruel fome nos mata,
 Não ha pão, não ha caroço,
 De tudo se sente falta;
 O povo todo anda louco,
 Consternado á tantos mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

XLVII.

O pão por indulgencia
 Na meza do Lavrador!
 Da terrivel consequncia,
 O que foi bom julgador
 Dizendo assim, não diz pouco;
 Tudo vai cruel á mezes,
 Por causa dos vis Francezes.

XLVIII.

Ver o Vate macilento
 Feito imagem da tristeza,
 Tendo por divertimento
 Roer unhas com fraqueza;
 D'extulto, pasmado, e louco,
 Exposto a fazer as vezes;
 Por causa dos vis Francezes;

XLIX.

Com reforma na cozinha
 O que farto ser sôhia,
 Deitar-se quando a galinha,
 Desgraçada economia!
 Dormir muito, comer pouco,
 Passar mal á tantos mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

L.

O Sagrado Consistorio
 Das Euangelicas Luzes,
 A's horas do refeitorio
 Na bocca fazendo Cruzes,
 Humildes sem tornar troco,
 Com meia ração á mezes,
 Por causa dos vís Francezes.

LI.

De Profecias tratando
 Pertinaz Sebastianista,
 Alfarrabios comentando
 Do Profeta Bandarrista,
 A combinar o chacoco
 Com rusticos camponezes;
 Por causa dos vís Francezes.

LII.

A piar impertinente
 No monte, valle, e outeiro,
 Prégando á rustica gente
 Feito noturno agoureiro,
 Fazendo papel de louco
 No dia bastantes vezes;
 Por causa dos vís Francezes.

LIII.

Loucos gritos retumbantes,
 Que tornão onde sahirão,
 Systemas extravagantes,
 Que pouco, ou nada exigirão;
 Se pôdem ter este trouco:
 Succedem tantos revezes,
 Por causa dos vís Francezes

LIV.

Medico a contradançar,
 Boticario no Sermão,
 Enfermeiro no bilhar,
 Que tal vai a Estação?
 A pergunta tem bom trôco;
 Não ha que fazer á mezes,
 Por causa dos vís Francezes.

LV.

Se da casa o comprador,
 Quando for pedir dinheiro
 Por mercê, graça, e favor,
 Receber do thesoureiro
 Hum agigantado sôco;
 Acontecem taes revezes
 Por causa dos vís Francezes.

LVI.

Asistindo a Concluzões
 O Rabolista Letrado,
 Solicitando funções
 Com Escritorio fexado,
 No Codigo dando sôco
 Huma novena de mezes;
 Por causa dos vís Francezes.

LVII.

O fraudulento usurario
 Deixar de ter ambição;
 Quem tantos pôz no calvário
 Com grossas contas na mão!
 Deixou de comer o côco
 Da usura, e dos freguezes
 Por causa dos vís Francezes.

LVIII.

Escrivão posto na praça
 A tratar com impostor,
 Arranchando na chalaça
 Matreiro procurador,
 Sem no processo dar troço
 Com ferias de nove mezes;
 Por causa dos vis Francezes.

LIX.

Com socego, e desafogo
 Acerrimo jogador,
 Posto na casa do jogo
 Fazendo d'emprazador,
 Sem decidir, nem dar troço;
 Com espasmo á tantos mezes,
 Por causa dos vis Francezes.

LX.

Mercador feito ampolheta
 Carrancudo de ripanço,
 A' porta lendo a Gazeta
 Com pacifico descanso;
 Afflito por vender pouco,
 E despender muitas vezes;
 Por causa dos vis Francezes.

LXI.

Por mil modos me persegue
 A tormentosa desgraça,
 Tão crueis, q'até consegue
 Sendo velho Versos faça:
 Transtornado, afflito, e louco
 Me traz a tyranna á mezes,
 Por causa dos vís Francezes.

F I M.

1884

1885

1886

1887

